

Brasília é um labirinto

Combinações de siglas e números tornam complicada a localização de endereços

Luiza Damé

A cidade planejada, acusada de privilegiar quem tem carro, acaba se transformando num verdadeiro labirinto para os motoristas que vêm de fora e não estão acostumados com o sistema de endereçamento de Brasília. As combinações de SCLRN, SHIS, SGAN ou SEPS, mais os números, servem para confundir os visitantes, habituados com as tradicionais ruas, avenidas e praças, normalmente homenageando personalidades ou acontecimentos, usados na maior parte das cidades brasileiras. "Brasília é uma cidade atípica e torna-se muito difícil para quem não conhece o nosso sistema", reconheceu o diretor do Departamento de Serviços Públicos (DSP), engenheiro Flávio Gomes, responsável pela sinalização de endereços.

Perdidos no emaranhado de siglas, os motoristas de outros estados têm de pedir auxílio aos frentistas de postos localizados nas entradas do DF ou para os taxistas. Os frentistas do Posto Pioneiro, no Núcleo Bandeirante, contam que diariamente muitas pessoas, principalmente caminhoneiros, pedem orientações de como localizar os endereços em Brasília. Os motoristas de táxi sempre têm histórias de pessoas que os contrataram para guiá-los pela cidade. "Há poucos dias um moço de Goiânia chegou aqui querendo ir para o Lago Sul. Eu expliquei, ele não entendeu e tive de levá-lo até lá", lembra José Batista de Figueiredo, motorista de táxi há dez anos, que faz ponto no Conjunto Nacional.

Erro inevitável

O gerente industrial Marcelo Ferreira, de Goiânia, todas as vezes que precisa resolver algum negócio em Brasília se perde na cidade. "Esse monte de siglas e números me deixa confuso", disse Marcelo, enquanto pedia informações de como chegar a 406 Sul, aos frentistas do Posto Pioneiro. Ele precisava ir à agência de turismo Stella Barros, onde pegou seu passaporte para viajar aos Estados Unidos. Marcelo seguiu corretamente as orientações até o retorno da L-2 Sul, de onde passou e teve de fazer a volta pela L-4, nas proximidades do SLU. A L-2, ele venceu sem problemas, entrou no retorno da 406 Sul. Porém, ao invés de ir para a comercial, parou na residencial, à procura do bloco e da loja.

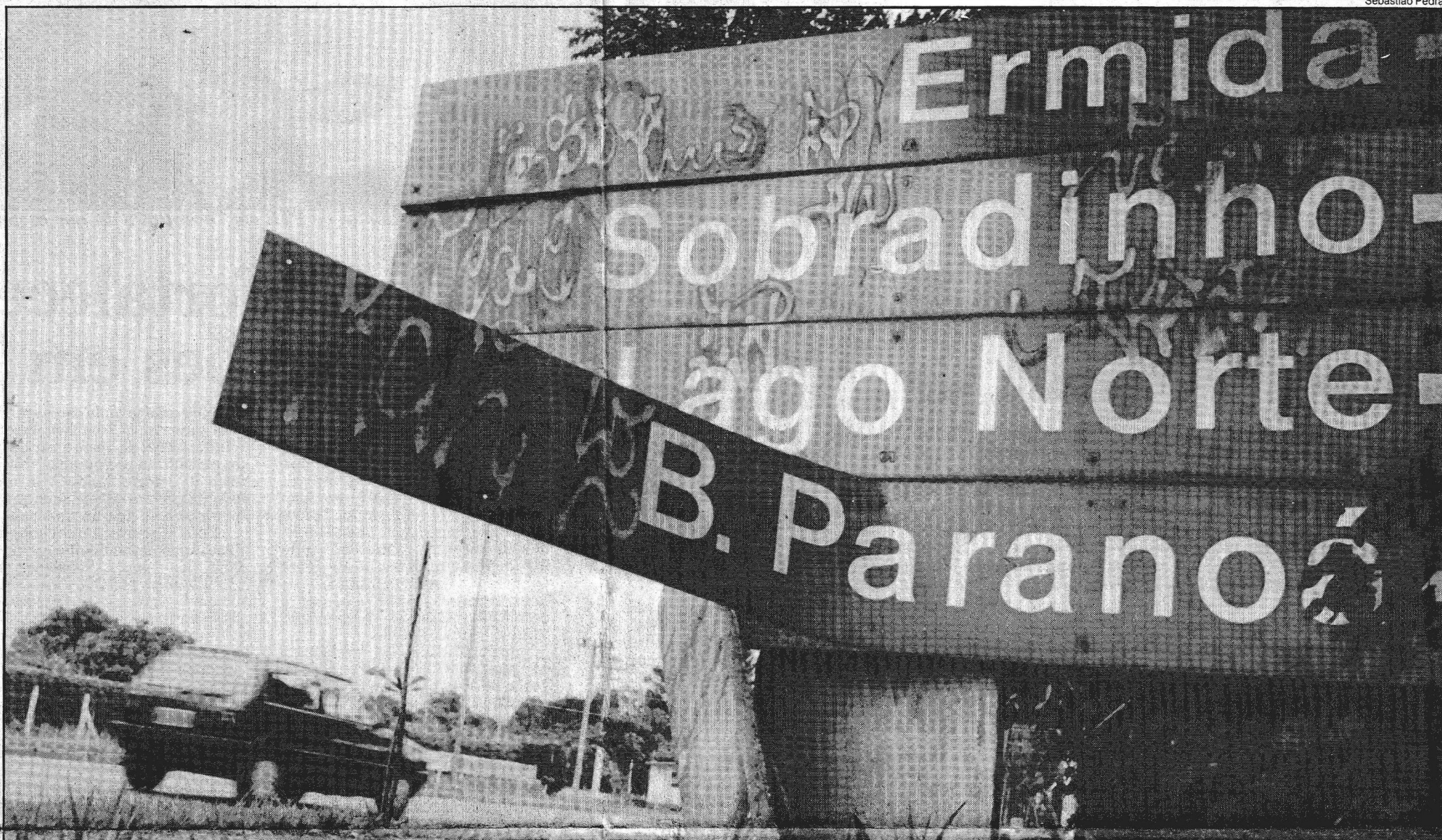
O erro cometido por Marcelo é inevitável, pois as placas indicativas da 406 Sul não possuem qualquer referência de que a quadra é residencial. "Essa é uma deficiência que precisa ser corrigida", afirmou Flávio Gomes, adiantando que será estudada uma medida de informar as quadras residenciais. Segundo ele, alguns setores de Brasília, como o Comercial e o Hoteleiro, são difíceis até mesmo de sinalizar. "O Setor Comercial é todo formado por ruas interrompidas e as pessoas se orientam muito mais pelos edifícios do que pelas quadras", ressaltou.

Gomes admitiu que as quadras residenciais também complicam a vida dos motoristas porque não mantêm o mesmo design. "A maioria começa pelo bloco A, B, até o K. Mas na 308 Norte, por exemplo, é o contrário. Isso confunde até os moradores de Brasília que precisam se guiar pela sinalização", argumentou. A sinalização de Brasília, na opinião de Marcelo Ferreira, é muito pequena para a velocidade dos carros. "Se você anda a 100 por hora, perde o endereço. Se vem a 40, o povo te xinga de goiano burro", reclamou. O diretor do DSP explicou que as placas são dimensionadas de acordo com a velocidade máxima permitida na pista.

Além disso, os motoristas de táxi reclamam da falta de sinalização em determinados pontos da cidade. "Ali, por exemplo, tem um retorno sem qualquer indicação do local para onde ele dá acesso", justificou o taxista José Francisco da Silva, apontando para um retorno nas proximidades da Secretaria do Trabalho. Segundo ele, são comuns os pedidos de orientação sobre endereços nos setores Comercial e Hoteleiro Sul.

Significado das cores

- **Verdes** — são placas indicativas de direção.
- **Azuis** — informam o local onde se está.
- **Branças** — reúnem diversos locais e um caminho comum para atingi-los.



As placas danificadas tornam mais difícil a localização de endereços. Segundo o DSP, 50% delas são destruídas por atos de vandalismo e 25% por acidente

Complicado até para os taxistas

Mas não são apenas os motoristas recém-chegados à cidade que encontram dificuldades em localizar endereços no Distrito Federal. Até mesmo os profissionais de táxi se complicam quando o destino dos passageiros é a cidade-satélite do Gama. "O Gama é horrível. Não tem qualquer sinalização", reclamou o taxista Lourival da Costa Machado, na profissão desde 1960. "Lá as quadras não têm sequência", completou José Francisco da Silva, que há sete anos trabalha em táxi.

O administrador regional do Gama, César Lacerda, reconhece que a deficiência na sinalização das quadras é um problema antigo da satélite e já tem um projeto para implantação de 300 placas. O projeto, que terá a colaboração dos empresários locais, será implementado ainda neste semestre, segundo informou o assessor de imprensa da Administração, Francisco Sales. As placas serão colocadas na área urbana do Gama e às margens da BR-040, a fim de facilitar a localização de endereços na cidade.

Apesar da deficiência na sinalização do Gama, o caminhoneiro Francisco Irismar do Carmo não teve dificuldades para achar a fábrica da Skol, onde deveria entregar o carregamento de soda cáustica, vindo de Santos(SP). "Eu só passei um pouco do retorno, mas deu para recuperar", explicou o caminhoneiro, que seguiu as explicações do fiscal tributário José Maria Picanso. O posto tributário da Secretaria da Fazenda na BR-040 é um dos pontos utilizados pelos motoristas para pedirem orientações sobre os endereços no DF. "Aqui chegamos principalmente os caminhoneiros, mas também alguns carros pequenos", contou Picanso.

Lógica

Ao contrário do Gama, o Guará é apontado como a satélite melhor organizada e mais bem sinalizada. "As quadras têm uma sequência lógica e tudo é devidamente sinalizado", disse Josias Batista de Figueiredo, motorista de táxi há dez anos. Para Luiz Campelo, realmente é fácil achar os endereços no Guará. "Já estamos acostumados

com a cidade", diz, referindo-se aos demais taxistas que ficam no ponto da Velhacap, no Núcleo Bandeirante, próximo àquela satélite.

Taguatinga também era considerada uma cidade difícil de se localizar os endereços, principalmente pela falta de sinalização. Porém, esse conceito mudou desde que a Administração Regional, há quatro meses, investiu Cr\$ 49 milhões na implantação de 249 placas. "Pelo levantamento que fizemos na época, 90% das placas foram quebradas por atos de vandalismo", afirmou o diretor do Departamento de Serviços Públicos de Taguatinga, Mário Luiz Juvenal da Silva.

Conforme o diretor, as placas foram projetadas em material mais resistente e a uma altura considerável para evitar as depredações. Ele informou que as principais vertentes da cidade foram bem sinalizadas e a tendência é expandir para outras áreas. "A nossa ideia foi facilitar o deslocamento na cidade", afirmou, acrescentando que até então havia muitas reclamações de motoristas com relação à falta de sinalização. (L.D.)

Destruição gera dificuldade

A destruição das placas distribuídas pela cidade contribui para dificultar ainda mais a localização de endereços em Brasília. "Quando terminamos um setor, as placas colocadas no início já foram danificadas", disse o diretor do Departamento de Serviços Públicos (DSP), Flávio Gomes, que cuida da sinalização de endereços no Plano Piloto, Lago Sul, Lago Norte e áreas adjacentes. Para implantar uma placa de sinalização — incluindo a chapa metálica, pintura e retícula para impressão das letras —, o GDF gasta em média Cr\$ 600 mil a preços atualizados. Somente o rolo de película, que dá para confeccionar 16 placas, custa Cr\$ 3,5 milhões.

Segundo Gomes, o Departamento fez um levantamento, no final do ano passado, constatando que faltam 255 placas no Lago Sul, 135 no Lago Norte e 630 no Plano Piloto. Os técnicos ainda estão avaliando a situação do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) e da Octogonal — também atendidos pelo DSP. Atualmente, os operários da fábrica da Secretaria de Transporte (a qual está subordinado o Departamento) estão confeccionando de 800 a mil placas que serão implantadas no Plano Piloto e Lagos — tão logo o governador Joaquim Roriz dê o sinal verde.

Artesanal

"Neste momento nós estamos trabalhando mais para implementar a sinalização nos locais onde há mudança no sistema viário — como por exemplo na W4 e W5 Norte — do que na reposição de placas", explicou Gomes, ressaltando que no final do ano passado os dois Eixos

nos e o Eixo Sul foram zerados, recebendo 35 placas. Três meses depois, dez foram depredadas. "A vida útil de uma placa, considerando-se as intempéries, é de dois a três anos. Mas, lamentavelmente, algumas não duram nem uma semana", ressaltou Gomes. Além de caro, o trabalho de confecção das placas é demorado, uma vez que o material é feito artesanalmente. A capacidade de produção da fábrica é de 25 placas diárias.

Após a conclusão do programa intensivo de colocação de placas, o diretor do DSP pretende criar uma equipe para limpar a sinalização. "Quando as pichações atingem a retícula, a placa tem de ser retirada e refeita, mas quando fica só na base dá para recuperar", informou Gomes, acrescentando que de 70 a 80% das placas destruídas são aproveitadas. Conforme o diretor, das placas depredadas, 50% são por atos de vandalismo, 25% por acidente e 25% pela ação do tempo. "Nós temos informações de que alguns rapazes dão golpes de karatê para quebrar as placas", contou.

Na opinião de Gomes, a sinalização de Brasília está dentro das normas técnicas e é tombada, juntamente com o Plano Piloto. "A sinalização foi projetada em 77, por uma equipe de alto nível, e não deverá mudar", garantiu. A única alteração que poderá ocorrer será a introdução de placas cor de laranja — como a colocada na Praça do Buriti, experimentalmente — para identificar os pontos turísticos. A solicitação do Departamento de Turismo está sendo estudada por técnicos do DSP. (L.D.)

Cai índice de vandalismo

Os canteiros floridos, a iluminação pública e até mesmo a limpeza da cidade são fatores que estão contribuindo para a diminuição do vandalismo contra as placas de sinalização de trânsito. Essa é a opinião do diretor de Serviços Públicos da Secretaria de Transporte, Flávio Augusto Gomes. "Esperamos que essa tendência continue e que o cidadão que respeita as flores também cuide das placas de sinalização", afirmou Flávio, acrescentando que o vandalismo voluntário diminuiu em aproximadamente 20% a 30%.

Já o chamado "vandalismo involuntário", ou seja, os acidentes, estão estabilizados, segundo Flávio. "Em média, cinco placas são danificadas por semana devido a colisões", calculou o diretor, referindo-se a acidentes no Plano Piloto e Lagos Sul e Norte, área de atuação do Departamento de Serviços Públicos. Esse departamento

possui uma fábrica de placas no Setor de Indústria e Abastecimento.

Entre os tipos de vandalismo praticados contra as placas, Flávio disse que o mais comum continua sendo mesmo a pichação. É comum também se colar cartazes nas placas e a última modalidade de vandalismo é o de dar golpes de karatê nas placas. "Conseguimos recuperar entre 60% a 80% delas, mas também sai caro a recuperação, pois o material custa muito dinheiro", explicou.

Recentemente a polícia desencadeou uma operação para identificar e prender pichadores que vinham danificando monumentos e placas de trânsito. Algumas pessoas foram detidas e, na avaliação da polícia, o trabalho rendeu resultados. Um agente da 1ª DP comentou ontem que, com a operação, caiu a presença dos pichadores nas ruas.



A substituição de uma placa, sem recuperação, custa ao GDF uma média de Cr\$ 600 mil